



Para Rafael Rallo,  
que mantém sua "casa"  
habitada e cheia de vida.

Marcelo Xavier

# TOT



Fotografia: Sylvio Coutinho

FUNDO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL — FNLIJ  
Livro Altamente Recomendável — Criança (2006)

3ª edição

**Formato**

**Q**uando uma criança muito pequena carrega um nome grande demais para ela, o mundo dá logo um jeito de facilitar as coisas. Poda daqui, poda dali, arranca consoantes, come vogais, engole sílabas e cria novos sons. Assim, nascem: Lu, Cal, Guto, Fê e muitos e muitos outros.

Foi exatamente o que se deu com a personagem desta história. Seu pai, apaixonado pela Grécia Antiga e seus gregos geniais, catou o primeiro de sua extensa lista e plaft! – carimbou o filhote com o nome de “Aristóteles”.

Não deu outra: antes de completar um ano, seu grande Aristóteles tinha se transformado em “Tot”. Curto e rápido como uma interjeição ou uma onomatopeia de histórias em quadrinhos. E foi assim que o menino cresceu e ficou conhecido na escola, na vizinhança e até mesmo na família. Só uma pessoa resistia e o chamava com todas as letras:

“– Aristóteles! Corre aqui! Vem ver o que o papai trouxe pra você!”

O pequeno Tot adorava o chamamento exclusivo daquela voz grave e forte. Mas, infelizmente, esse prazer tão particular não durou muito tempo: ele tinha apenas cinco anos quando seu pai morreu. De uma doença cujo nome foi parar numa lista de palavras inimigas, num canto escuro da memória.

O tempo passou. Hoje, Tot tem dez anos e mora com a mãe e uma irmã mais nova. Dividem um apartamento onde cada um tem o seu território.

Contando assim, tudo parecia estar bem, mas não estava. Havia algum tempo, o quarto de Tot andava silencioso e triste: um aquário vazio, livros adormecidos numa estante, brinquedos abandonados e uma pequena TV jogando sua luz fria sobre tudo. Nem o punhado de sol que entrava pela janela conseguia aquecer aquele lugar. Quando Tot estava em casa, passava a maior parte do tempo ali, deitado, ou na janela, procurando por algo que ele próprio não sabia o que era.

O apartamento ficava no décimo andar de um prédio de vinte. Dali, o menino sonhava em voar pela cidade ou ser levado por uma nave para um planeta bem longe. Perto do fim do céu.

Alguma coisa precisava acontecer, ele sabia. Entediado, via os dias pingando como uma goteira: plic, plic, plic, plic. Uma insuportável melodia de uma nota só: plic, plic, plic, plic...

As coisas estavam assim até que, numa quarta-feira absolutamente comum, Tot fez as últimas tarefas da escola e foi dormir. E teve um estranho sonho com o pai. Com voz carinhosa, ele disse que não estava gostando de ver o filho assim, desanimado, e que no dia seguinte o levaria a um lugar que Tot precisava muito conhecer.

O menino amanheceu encharcado de curiosidade. Sempre havia acreditado nas promessas do pai. Sempre. Não era diferente desta vez.

Aquela manhã na escola durou uma eternidade. As horas se arrastavam como lesma no muro. Ansioso, o menino esperava. Sabia que, se tivesse de ir a algum lugar, teria de ser na parte da tarde, depois da aula.

Ao tocar o sinal da saída, Tot foi o primeiro a atravessar correndo o portão da escola.

Já a caminho de casa, teve uma sensação de estranhamento. Porém nada aconteceu até chegar ao prédio onde morava. Tomou o elevador e, automaticamente, apertou o 10. Sabia que, lá no alto, sua família, seu almoço e o refúgio do seu quarto o esperavam. Fechou os olhos, sentindo-se seguro e confiante enquanto subia.

Nesse dia, entretanto, as coisas não correram como sempre. O elevador não parou: continuou subindo, sem ligar para os gritos de Tot, que apertava todos os botões, inclusive o de alarme. Nenhuma resposta. 15, 16, 17, a velocidade aumentando, 18, 19, 20, 21, 22, 23. Tot tremia e suava, horrorizado, pois seu prédio não tinha mais de vinte andares. No entanto, a janelinha iluminada que indicava o número dos andares não parava de mudar: 66, 67, 68, 69... 270, 271, 272... 906, 907... 1001, 1002, 1003, 1004... A essa altura, a velocidade era tanta que nem dava mais para ler os números.

De repente, o elevador parou. 10.000, indicava o mostrador. O menino, ainda zozno pelos efeitos da velocidade, viu a porta se abrir. A cidade desaparecera. Lá fora, uma luz de sol pálida tentava vencer a névoa que cobria um misterioso lugar. Tot jogou a mochila nas costas e, apostando numa coragem que não tinha, deu alguns passos vacilantes e saiu da caixa metálica. Estava à beira de uma estrada sem calçamento e inteiramente deserta. O silêncio era total. O menino ouvia apenas o som dos próprios passos.







